

## **Conscientização, utopia, inédito viável e sonhos possíveis: educação freireana em tempos de estado necrófilo**

Francisco André Silva Martins<sup>1</sup>, Cirlene Cristina de Souza<sup>2</sup>

### **Resumo**

O presente trabalho apresenta uma discussão de cunho conceitual que envolve o processo de conscientização e humanização contido no arcabouço teórico de Paulo Freire, tendo como foco central a compreensão da prática docente e seus atravessamentos pelos conceitos freireanos de conscientização, utopia, inédito viável e sonhos possíveis. Nesse sentido, o trabalho pode ser notado como mobilizador de reflexão para educadoras(es) brasileiras(os) que vivenciam uma prática educativa popular, libertadora e crítica. Metodologicamente, recorreu-se às várias obras freireanas, com o objetivo de mapear como esse educador relaciona o ser docente com a experiência da conscientização. Observou-se que, para Freire, o ser docente é “gente” historicamente situada que carrega por si e em si projetos de sociedade e de educação que são atravessados pelos campos de possibilidades posto na história da humanidade. Diante dessa historicidade, o ser professor(a) se vê o tempo todo indagado(a) sobre deixar-se atravessar pelo amor às coisas vivas ou pelo amor às coisas mortas. Para Paulo Freire, todo educador progressista e libertador é, conseqüentemente, um(a) educador(a) que, diante dos finais de morte de uma determinada sociedade procuram por fissuras biófilas, fissuras essas que os fazem experimentar o amor às coisas vivas.

### **Palavras-chave**

Conscientização. Humanização. Teoria Freireana.

---

<sup>1</sup> Doutor em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil; professor adjunto IV da Faculdade de Educação, Universidade do Estado de Minas Gerais, Brasil; membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas de Educação de Jovens e Adultos (NEPEJA/FAE/UEMG) e do Observatório da Juventude (FAE/UFMG). E-mail: francisco.martins@uemg.br.

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil; estágio doutoral na Universidade do Minho, Portugal; professora adjunta na Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais, Brasil; membro do Observatório da Juventude (FAE/UFMG). E-mail: cirlene.sousa@uemg.br.

## **Conscientization, utopia, unprecedented viable and possible dreams: Freirian education in times of necrophilic state**

Francisco André Silva Martins<sup>3</sup>, Cirlene Cristina de Sousa<sup>4</sup>

### **Abstract**

The present work presents a discussion of a conceptual nature that involves the process of awareness and humanization contained in Paulo Freire's theoretical framework. Having as a central focus the understanding of the teaching practice and its crossings by the Freirian concepts of conscientization, utopia, unprecedented viable and possible dreams. In this sense, the work can be seen as a mobilizer of reflection for those Brazilian educators who experience a popular, liberating and critical educational practice. Methodologically, several Freirian works are used, with the aim of mapping how this educator relates being a teacher with the experience of awareness. It was observed that, for Freire, being an educator means being a “peopleperson” historically situated, who carry for themselves and in themselves projects of society, and education, which are crossed by the fields of possibilities placed in the history of humanity. Faced with this historicity, being a teacher means being to be constantly asked about letting oneself be crossed by the love of living things or the love of dead things. For Paulo Freire, every progressive, liberating educator is, consequently, an educator who, facing the endings of death in a given society, looks for biophilic fissures, fissures that make them experience love for living things.

### **Keywords**

Conscientization. Humanization. Freirian Education.

---

<sup>3</sup> PhD in Education, Federal University of Minas Gerais, State of Minas Gerais, Brazil; adjunct professor IV of the Faculty of Education, University of the State of Minas Gerais, Brazil; member of the Center for Studies and Research on Youth and Adult Education (NEPEJA/FAE/UEMG) and of the Youth Observatory (FAE/UEMG). E-mail: francisco.martins@uemg.br.

<sup>4</sup> PhD in Education, Federal University of Minas Gerais, State of Minas Gerais, Brazil; doctoral internship at the University of Minho, Portugal; adjunct professor at the Faculty of Education, University of the State of Minas Gerais, Brazil; member of the Youth Observatory (FAE/UEMG).. E-mail: cirlene.sousa@uemg.br.

## Considerações iniciais

O uso indiscriminado de algumas palavras faz com que seus significados fiquem desgastados ou se distancie de sua raiz constitutiva. Nesse artigo, debruçamo-nos de maneira mais detida sobre as contribuições dos conceitos freireanos de conscientização, utopia, inédito viável e sonhos possíveis para uma prática docente mais humanizadora e biófila. Esses conceitos nos parecem vitais para se pensar as(os) educadoras(es) como sujeitos históricos, conscientes e humanizadores. Educadores(as), que no Brasil contemporâneo voltam a enfrentar governos necrófilos – aqueles que têm amor pelas coisas mortas, portanto, se fazem necrófilos.

Notaremos que, na perspectiva de Paulo Freire, o(a) educador(a) libertador(a), humanizador(a) é aquele que se “arma” com um trabalho educativo biófilo, investindo seu saber no amor às coisas vivas. Via essa educação biófila, educadores e educadoras se inserem num processo profundo de conscientização/humanização, o qual exige uma profunda interlocução com a história. História essa que, na perspectiva de Paulo Freire, é notada como campo de possibilidades, de lutas, de indagações, de desesperanças e esperanças, de indignação e amor.

Um trabalho de cunho conceitual, como o que aqui nos propomos, se lido com um olhar incauto e apressado, pode aparentar ser superficial e/ou repetitivo. Porém, todo trabalho científico de cunho conceitual carrega certa complexidade, pois se coloca como uma discussão que vai além de letras e códigos grafados no papel para formar as palavras. Ao se trabalhar um conceito, relacionando-o a uma determinada prática (aqui a docente), ultrapassa-se a ordem da semântica para se atingir a ordem da práxis. Nesse sentido, o estudo dos conceitos não pode se realizar de forma dura, mas é necessário notar que qualquer conceito está diretamente envolto em um ambiente de interações. Nesse nosso artigo, procuramos notar como os conceitos de conscientização, utopia, inédito viável e sonhos possíveis podem reverberar na prática dos(as) educadoras(es) brasileiras(os).

Em termos metodológicos, também nos aventuramos a seguir Paulo Freire, que em parte de suas obras, se propõe a partilhar de em forma dialogal ou conversacional as aprendizagens educativas biófilas que ele fez ao longo de sua vida e de suas andarilhagens pelos cantos desse mundo. Nesse sentido, escolhemos trabalhar de forma dialogal aquilo que nos é inquietação docente, a saber: como ser um(a) educador(a), uma educadora biófilos em contextos políticos tão necrófilos? Não se pretende com essa metodologia, prescrever caminhos, mas mobilizar outras pessoas a se inquietarem diante de governos que têm amor às

coisas mortas. Não propomos, assim, que Paulo Freire seja um guia para nossas práticas docentes, alguém a ser cultuado ou mitificado. O que ele quer de nós é que sejamos capazes de reinventá-lo. (FREIRE; FREIRE; OLIVEIRA, 2014b).

Paulo Freire sempre será nosso patrono, aquele que nos convida a andarilhar pelas histórias de um povo, aprendendo suas lutas, seus causos e seus conceitos, os quais vão nos ensinando sobre a vida, sobre a educação, sobre a dialética entre o ser mais e o ser menos. Portanto, ele foi um educador que nos brindou com suas inquietudes políticas e pedagógicas, com suas dúvidas e certezas, com os seus acertos e erros. Como homem exilado, andarilho, ele tem uma trajetória educacional cheia de histórias e de vida para nos alimentar. Homem biófilo, que sempre nos convoca a amar as coisas vivas, regar utopias, projetos e sonhos, para colher esperança. Sua experiência como um educador humanizador pode contribuir para a compreensão de nossas identidades educadoras.

A vida e as obras de Paulo Freire são lugares de reflexão, produções que nos ajudam a entender a nossa docência e como ela deve estar imbuída de realidade. Assim, ele nos ensina que educar é refletir sobre uma determinada realidade social e como a educação ocupa aí um lugar de atuação. Para esse educador, a universidade é apenas um pontapé para nossa aprendizagem docente, pois o ser educador(a) se constrói com mais intensidade no chão da escola, no chão da fábrica, no chão da floresta, entre outros. Em se tratando do chão da escola, a nossa docência vai crescendo a cada dia em que se pisa na sala de aula, no envolvimento com estudantes, com a comunidade do bairro. À medida que nós, professores e professoras, vamos sendo somos “afetados” pelas corporeidades, pelas estéticas, pelas éticas, pelas religiosidades, pelas histórias que os estudantes trazem para a escola, podemos nos fazer mais biófilos.

Lembremos aqui o educador Miguel Arroyo (2012), ao destacar que as crianças, os jovens e os adultos, ao chegarem na escola, não deixam as suas histórias, as suas corporeidades do lado de fora do portão da escola. Eles e elas entram com tudo o que são e com tudo o que não são. Com tudo o que eles e elas têm e com tudo que deles e delas foram usurpados. Nesse sentido, sabemos como educadores e educadoras que há coisas que só aprendemos na sala de aula, na escola.

Estar ciente disso é vital para o ser professor(a) hoje no Brasil. Nós, professores(as), temos sido assolados(as) por sentimentos diversos, por vezes antagônicos, quanto à educação e à própria atuação profissional na conjuntura política e social vivida em nosso país. Direitos alcançados com anos de luta e combate político têm retrocedido drasticamente em pouquíssimo tempo, o que nos sinaliza um momento de combate do qual não podemos nos

furtar como sujeitos sociais educadores (as). É nesse contexto de luta contra a dilapidação de direitos, de precarização da universidade pública, de criminalização da profissão docente, de corte de investimentos na educação básica, que os conceitos *conscientização*, *utopia*, *inédito viável* e *sonhos possíveis* se fazem cada vez mais necessários. Daí a proposta de nos debruçarmos sobre tais conceitos, conversando sobre as possíveis afetações deles na prática docente. Para tanto, iniciaremos nossa proposta de escrita desse artigo, explicitando, antes desses conceitos, a relação entre teoria e prática.

### **Teoria e a prática: um elo na concepção freireana de educação**

Em se tratando do período recente no Brasil, ainda vivemos os reflexos de uma das maiores tragédias da humanidade na história, a pandemia de Covid-19. Os efeitos dessa pandemia no Brasil foram agravados pelo negacionismo explicitado pelo governo federal diante da doença, pela falta de seu comprometimento para com as medidas de isolamento ou por suas negativas em comprar vacinas no momento em que foram oferecidas. O número de pessoas mortas, com as quais nos solidarizamos com as famílias, expressa o descaso de um governo fascista que privilegia as elites em detrimento das classes mais pobres da sociedade brasileira.

Esse é o mesmo governo que, em relação à educação, defende um modelo de escola “sem partido”<sup>5</sup>, que não manifeste ideologias por serem essas algo pecaminoso. Uma subversão tamanha do papel escolar que nos remete aos tempos mais obscuros dos regimes totalitários nazi/fascistas. A atual conjuntura social brasileira nos diz de uma polaridade discursiva estabelecida em torno da figura e da obra de Paulo Freire. O que reverberou, inclusive, em uma tentativa infrutífera de retirar dele seu título de patrono da educação brasileira<sup>6</sup>.

De forma maniqueísta, ele é demonizado pelos que se identificam como conservadores e idolatrado pelos que se identificam como progressistas. Uma polarização construída em torno de uma disputa narrativa na qual, ideologicamente, esse autor tem sido de grande utilidade, seja para os mais conservadores e ortodoxos, que têm nele a materialização de um

---

<sup>5</sup> Tal excerto faz referência ao “Movimento Escola Sem Partido”, movimento composto por pessoas que se dizem representantes de pais e estudantes que são contrários a uma suposta doutrinação de esquerda praticada por professores nas escolas.

<sup>6</sup> No ano de 2017, por meio de sugestão legislativa submetida pelo portal e-cidadania, SL 47/2017, houve um movimento no sentido de retirar do título de patrono da educação brasileira do educador Paulo Freire (Lei nº 12.612 /2012). No entanto, tal sugestão foi rejeitada pela Comissão de Direitos Humanos do Senado Federal.

inimigo a ser combatido, seja para progressistas, que veem em suas reflexões a esperança de mudança em um contexto tão inóspito e algoz. Uma certeza nós temos: aqueles(as) que se implicam com a educação no Brasil, que querem uma educação libertadora, laica e de qualidade, têm como compromisso político superar as superficialidades em relação à teoria e as obras de Paulo Freire, seja para criticá-lo ou para elogiá-lo (BARRETO, 2004). Nunca foi tão necessário gritar com o peito aberto que Paulo Freire vive! Ele está vivo em cada reflexão proporcionada pelas suas obras, que hoje compartilhamos entre nós – da universidade ao chão da fábrica.

Na arena social, nas disputas discursivas que envolvem a escola, suas práticas pedagógicas e a obra de Paulo Freire, não é incomum vermos pessoas que, mesmo sem qualquer conhecimento da área da educação, bradam que ele deprecia o processo educativo, haja vista toda a mobilização de Movimentos como, por exemplo, o “Escola Sem Partido”<sup>7</sup>, que trata o autor como um pesadelo. A maioria das críticas se alicerça no fato de o autor questionar a educação em sua vertente conservadora, demasiadamente estrutural, meritocrática na sua essência, mnemônica e repetitiva. Ao propor um processo de humanização, uma formação crítica, Freire nos diz que educar está para além dos aspectos tecnicistas, o que se opõe a uma concepção de educação mais ortodoxa.

Dentre os muitos incômodos que Paulo Freire provoca na elite branca brasileira, o maior deles se refere a sua defesa sobre a relação política do ato educativo (FREIRE, 2020). Para esse educador, nenhuma prática educativa pode ser apolítica. Portanto, não há educação neutra. Para esse educador, toda e qualquer teoria acarreta nela o existir de homens e mulheres. Portanto, as teorias estão diretamente ligadas ao fazer do ser humano. Os vários títulos de doutor *honoris causa* recebidos reafirmam o pensador, o educador, o pesquisador envolvido com o seu tempo, com a sua existência. Para Freire (2008), todo saber teórico está imbricado em determinada prática. E é por essa imbricação que os significados vão se construir mais próximos das realidades dos sujeitos aí envolvidos.

Segundo Freire, a teoria pela teoria se torna verbalismo, estéril em si mesmo e a prática, se lida apenas a partir de sua perspectiva como ação, se torna ativismo. Assim sendo, ele reforça estar entre os que “não aceitam a separação impossível entre prática e teoria, toda prática educativa implica uma teoria educativa” (FREIRE, 1999, p. 21). Esse movimento dialético entre a teoria e a prática, de avanço e retrocesso, de conflito e disputa, vai redundar em uma práxis marcada pela sua dimensão reflexiva, processual, dinâmica, inacabada pela sua

---

<sup>7</sup> Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/blog/o-pesadelo-de-paulo-freire/>.

essência de ser mais. Nesse sentido, “a práxis é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimido” (FREIRE, 2011, p. 52).

Conforme nos aponta Vázquez (2007), podemos dizer que toda práxis envolve uma ação, mas nem toda ação envolve uma práxis. Entendemos que a práxis envolve um elemento reflexivo de construção da consciência crítica, portanto é construção e reconstrução de si e de seu fazer ininterruptamente. Sob pena de parecer ser um processo simples, por vezes estruturado, reforçamos que ele envolve descobertas, felicidades, mas também dores, tristezas e conflitos internos. De acordo com Freire (2011, p. 48), “a libertação, por isso, é um parto. É um parto doloroso. O homem que nasce desse parto é um homem novo que só é viável na e pela superação da contradição opressores-oprimidos, que é a libertação de todos”.

Uma característica central da teoria freireana, que vai reverberar em uma práxis singular, é sua conexão com a realidade social e cultural. Não foram poucas as vezes que em debates em turmas de graduação, pós-graduação e formação de professores, alguém disse: “Parece que ele está falando sobre o que vivemos agora”. Isso nos permite dizer de um Paulo Freire cronista da educação e da sociedade brasileira em suas mais graves mazelas. Nesse sentido, não há como se apropriar de fragmentos da teoria freireana, de pequenos excertos de obras, que, descontextualizados, podem servir para qualquer coisa, assim como considerar todo o conjunto da obra como um monólito, uma coisa única. O tempo e as circunstâncias vão incidir diretamente no seu fazer pedagógico, nas suas discussões, no que lhe vai afligir ao escrever seus livros e elaborar seus conceitos.

Diante de tudo isso, ao pensar em uma educação de caráter libertador e progressista, somos levados a acreditar que ser um(a) educador(a) pretensamente freireano(a) tem relação direta com a revisão de sua prática, diuturnamente, até ter como horizonte o instante em que vai perceber que seu discurso reflete, de fato, o que ele faz na ponta, junto a seus (suas) educandos (as). Não tem como ser meio freireano(a) ou um pouco freireano(a), ou freireano(a) de ocasião. Nesse sentido, ser um educador freireano ou educadora freireana é ter consciência de que há uma relação direta entre política e educação. É fazer opção radical de estar ao lado dos menos favorecidos, de lutar por uma sociedade mais igualitária, de buscar uma educação pública, laica e de qualidade para todos(as). Segundo Freire (2011b, p. 37), “nem sempre, infelizmente, muitos de nós educadoras e educadores que proclamamos uma opção democrática, temos uma prática em coerência com nosso discurso avançado”.

Contudo, ao contrário do que muitos pensam, ter uma prática educativa libertadora é um processo permanente, de aprendizado cotidiano. É preciso evitar romantizações! Ser

educador(a) é estar em uma arena de disputa todo o tempo e para isso há que se preparar. O ato de estudar é um trabalho, árduo, que demanda uma postura crítica e sistemática, que exige uma disciplina intelectual ímpar, para conciliar a teoria e a prática, sem pender para um dos lados unicamente, sob pena de macular o processo. Um exercício da práxis na sua essência (FREIRE, 2018). E essa práxis foi apreendida por Freire na relação com pessoas diversas, diferentes, das classes populares, camponeses(as), metalúrgicos(as), moradores(as) de favelas, reconhecidos(as) como interlocutores(as), pessoas que tinham algo a dizer, a ensinar, a ser.

Trata-se de um conhecimento diferente, não hierarquizado e sim horizontalizado, e por isso mesmo chega a ser visto como subversivo. Não basta falar para, mas falar com os sujeitos educandos, entender que esses sujeitos trazem consigo experiências e leituras de mundo que antecedem o domínio da leitura e da escrita (FREIRE, 2011b). Onde já se viu, considerar um(a) camponês(a), um(a) metalúrgico(a), moradores(as) de favela e membros das classes pobres como interlocutores(as)? Como humanos(as)? Como sujeitos de direitos? A subversão freireano/freireana (COIMBRA, 2021), que por si só já remete a uma transgressão da linguagem, está na busca por uma sociedade igualitária e, conseqüentemente, a ruptura com os privilégios de uns poucos que lutam pela manutenção do *status quo*.

Conforme nos diz o próprio Paulo Freire (2018, p. 9), estudar, se formar, é um trabalho difícil, “exige de quem o faz uma postura crítica e sistemática. Exige uma disciplina intelectual que não se ganha a não ser praticando-a”. Como nos ensina Arroyo (2011), não nos tornamos educadores(as) ao nos formar na faculdade, mas ao experienciar a realidade desse fazer para o qual nos preparamos. Talvez o diploma seja apenas o cartão de entrada em uma caminhada longa, árdua e libertadora. Conforme nos diz o próprio Freire (2008, p. 18), “minha posição não é de rechaçar a academia, porque de alguma forma somos todos acadêmicos. O que não somos é academicistas”. O amor pelo conhecimento não implica em um proselitismo acadêmico pedante, que tenha como foco expressar superioridade, pelo contrário, implica sim uma posição de humildade, de reconhecer que não sabemos tudo e que estamos nos formando diuturnamente. Na perspectiva da maiêutica socrática, temos que compreender saber que sempre há o que saber, ninguém sabe tudo e ninguém não sabe absolutamente nada. De acordo com Freire (2014, p. 53):

Como educadores progressistas, uma das maiores tarefas parece dizer respeito a como gerar nas pessoas sonhos políticos, anseios políticos, desejos políticos. A mim como educador, é impossível construir os anseios do outro ou da outra. Essa tarefa cabe a ele ou a ela, não a mim.



Um(a) educador(a) marcado(a) por uma prática pedagógica progressista, que seja um(a) educador(a) libertador(a), tem na escola e na sua sala campos relacionais. Esse sujeito assume um papel de mediador junto aos estudantes, mas na mesma medida é de sua responsabilidade lidar com os caminhos pedagógicos a serem tomados. Pensar uma relação dialógica, que permita aos estudantes um lugar ativo no processo educacional, não é algo fácil. Envolve desprendimento, perda de monopólio do poder decisório, com discussões que vão se consolidar como consenso a partir do conflito e disputa de um determinado coletivo.

A figura do(a) professor(a), que, historicamente, tinha em si, em seu cargo, a autoridade posta, outorgada, passa a ter que construí-la. Cabe ao(à) educador/(a) repensar seu lugar, suas práticas, suas lutas, seus direitos (FREIRE, 2011). Como afirmaram Freire e Shor (1986), os elementos da realidade podem, em um primeiro momento, nos causar medo, mas esse medo pode também servir de mobilizador para apurar nossas práticas e nosso fazer educativo. Nem só de medo vivemos nós, mas também de ousadia.

No cenário que envolve as questões que tratamos anteriormente, estão o compromisso ético, político e o rigor metodológico. Se há o comprometimento com uma prática progressista, há também uma relação direta na busca pela conscientização do sujeito e uma busca por intervir socialmente com vistas a tornar a sociedade menos desigual, menos racista, menos homofóbica, menos machista, ou seja, mais humana, mais biófila. O ser humano, na concepção de Freire, é marcado pela ontológica vocação de *Ser mais*. Tal situação envolve a formação de si, na relação com os outros, inseridos no mundo, na sociedade, a partir de um lugar social político. Esse processo é marcado por dois momentos, um primeiro, no qual os sujeitos oprimidos vão desvelar o mundo em sua lógica opressora, e um segundo momento, no qual esses sujeitos conscientes de si e do mundo, vão procurar intervir na realidade com o objetivo de mudá-la. O enfrentamento da cultura de dominação implica em uma intervenção direta no *status quo*, o que os(as) opressores(as) consideram ser a quebra da ordem social. Lembrando que a manutenção da ordem social envolve a manutenção dos privilégios dos(as) opressores(as) e a continuidade dos(as) oprimidos(as) em um lugar de subalternidade, de dominação.

Os sujeitos que questionam a ordem social assumem um lugar de violentos, de bárbaros, de inimigos da sociedade e das pessoas de bem. E todos aqueles que se implicaram nesse processo tornam-se também inimigos da sociedade. Fica explícito, na teoria freireana, que o ato educativo, de formação dos sujeitos e, de sua humanidade, é um ato eminentemente político, e envolve educandos(as) e educadores(as). De acordo com Freire (2011, p. 50), “dizer que os homens são pessoas e, como pessoas, não são livres, e nada concretamente fazer para

que esta afirmação se objective, é uma farsa”. Dito de outra forma, como educadores e educadoras, somente dizer que os homens e mulheres das classes populares são oprimidos(as) e não se mobilizar na luta contra essa opressão é uma farsa.

Quando falamos de rigor metodológico na teoria freireana estamos dizendo do compromisso do(a) profissional da educação que assume uma posição também de pesquisador(a), de alguém que questiona, que faz perguntas, que se mobiliza pelo prazer das suas descobertas e de seus(as) educandos(as) (FREIRE, 2001). Isso vai reverberar da mesma maneira no educando(a), que, diante de uma prática marcada pela possibilidade de debater, perguntar, há que se mobilizar a partir de suas inquietações. Mais que um juiz, que vai determinar o que é certo e o que é errado, cabe ao docente refletir junto aos estudantes sobre o que pode ser certo ou errado, ou o que aparenta ser certo e ser errado. Para tal, há que se preocupar em estabelecer os métodos a serem usados de acordo com a realidade dos sujeitos, sem estabelecer uma camisa de força, mas uma experiência dialógica. Os modos de fazer podem e devem ser alterados de acordo com demandas e avaliações do processo. Isso coloca por terra conhecimentos engessados, repetidos, amarelados com o tempo e florescem novas possibilidades tanto para o(a) educador(a) quanto para o(a) educando(a).

Em relação direta com o método, a ética do(a) educador (a) deve ser um pilar, de acordo com Freire (2001). Quando o autor nos diz da ética, sabemos que ele está nos dizendo de uma prática educativa que se comprometa com a formação humana mais ampla do sujeito, a construção de sua criticidade e de seu entendimento do lugar que ele ocupa no mundo, as estruturas sociais e as desigualdades que implicam nos privilégios de poucos(as) e no penar de muitos(as). Todavia, como processo, não se trata de doutrinar alguém, de incutir posicionamentos, mas permitir sua construção do conhecimento a partir da apropriação da realidade, construção da criticidade, da conscientização. Como dito anteriormente, esse é um processo doloroso, principalmente para aqueles que ainda não entendem as relações de opressão e coerção social, mas é algo que não há como conceder (FREIRE, 2011). A conscientização não passa do(a) educador(a) para o(a) educando(a) por meio de uma transferência. Cada sujeito, na relação com os(as) outros(as), na sua relação e existência *no e com* mundo, vai refletir a partir de suas experiências, suas vivências e, suas lutas sociais.

Em se tratando de Freire, um elemento vital em sua vasta obra é o reconhecimento da necessidade da presença do(a) outro(a) em nós. Dito de outra forma, é uma questão de reconhecermos que não somos e não estamos sozinhos(as) no mundo, dependemos da coletividade, do grupo, seja para aprendermos e nos formarmos, seja para sobrevivermos. A

conscientização da condição de oprimido(a), na mesma medida em que causa dor, serve também de força motriz e energia para lutas que buscam em busca de romper com o *status quo*.

No bojo de um cabedal teórico de tamanha robustez, marcado pelo seu compromisso político, pela crença nos sujeitos como seres destinados(as) a ser mais e que formam a si e ao(a) outro(a), pela necessária postura de intervenção na realidade a partir de uma reflexão crítica, que os conceitos de *conscientização*, *utopia*, *inédito viável e sonhos possíveis* se fazem ainda mais úteis para pensarmos outra educação para uma outra sociedade.

### **A conscientização como processo de humanização**

Comumente, ao tratarmos da palavra conscientização, via de regra, o senso comum nos diz desobre algo a ser alcançado, finito, por poder ser tomado para si ao fim de um determinado percurso. Ao contrário do que normalmente se pensa, a conscientização na teoria freireana é marcada pelo seu caráter dinâmico, processual, inacabado e, ininterrupto. Segundo Freire (1980), esse termo não é de sua autoria, mas emerge por volta de 1964, a partir das discussões da equipe de professores do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) e desde então faz parte de suas reflexões.

Por se tratar de algo processual, a conscientização nos permite inferir que ela não tem fim em si mesma. De acordo com Freire (1980, p. 27), “a conscientização, como atitude crítica dos homens na história, não terminará jamais. Se os homens, como seres que atuam, continuam aderindo a um mundo ‘feito’, ver-se-ão submersos numa nova obscuridade”. Não se trata de conscientizar alguém, em um movimento de transferência de quem é consciente, para alguém que não é consciente. De quem tem algo para quem não tem. Dizer que alguém é consciente não quer dizer que esse sujeito prescinde de novas apropriações, de reflexões, de entendimentos, de continuar vivendo experiências de vida. Sua característica basilar está em sua dimensão processual e ininterrupta. Como o próprio Freire (2001b) nos diz, a conscientização não se trata de uma pílula mágica a ser prescrita em doses diferentes para sujeitos diferentes se imbuírem em mudar o mundo.

Uma das premissas das obras de Paulo Freire (FREIRE, 1983, 1999, 2011, 2011b; FREIRE; GADOTTI; GUIMARÃES, 2001; FREIRE; FAUNDEZ, 1985; FREIRE; SHOR, 1986) está ancorada no fato de o processo educativo ser também um processo de formação política, de compreensão da realidade social, de construção de si no seio de uma sociedade que é marcada pela exclusão, pelo conflito, pela disputa. É condição *sine que non* entendermos que a política perpassa as reflexões freireanas, sobretudo a partir da dimensão

política contida no ato educativo, na medida em que esse não é neutro. O que nos remete ao direito inalienável de acesso à educação, não para alguns poucos, não para a elite apenas, mas para todos e todas que compõem a tessitura social, por isso reforçamos a dimensão popular, diversa e, conflituosa de uma educação popular combativa dos privilégios e promotora de igualdade (FREIRE, 2008; PALUDO, 2017).

O processo de educação/formação/construção do sujeito não deve ser um processo de domesticação, mas uma prática que busque pela sua libertação; não há processo de conscientização em uma educação desumanizante (FREIRE, 1980). Desse modo, o processo formativo, e o conhecimento dele decorrente, tornam-se resultado de uma complexa equação que envolve a ação, a reflexão sobre a ação e o reverberar de uma ação nova advinda de avaliações de todo o processo. A construção do conhecimento torna-se um círculo virtuoso, no qual as ações não se fundam em si mesmas, mas são ininterruptamente pensadas e, repensadas. Em síntese, isso é o que chamamos anteriormente de práxis freireana.

O empenho em promover um permanente esforço de reflexão dos(as) oprimidos(as) sobre suas condições concretas está vinculado à convicção de que a reflexão, caso exercidas, conduz à prática. Em contrapartida, a ação se fará autêntica práxis se o saber dela resultante se fizer objeto de reflexão crítica. É nesse sentido que a práxis constitui a razão nova da consciência oprimida e que a revolução, que inaugura o momento histórico dessa razão, não pode encontrar viabilidade fora dos níveis da consciência oprimida. De acordo com Freire (2020, p. 42):

Pensar a História como possibilidade é reconhecer a educação também como possibilidade. É reconhecer que se ela, a educação, não pode tudo, pode alguma coisa. Sua força, como costume dizer, reside na sua fraqueza. Uma das nossas tarefas, como educadores e educadoras, é descobrir o que historicamente pode ser feito no sentido de contribuir para a transformação do mundo, de que resulte um mundo mais “redondo”, menos arestoso, mais humano e em que prepare a materialização da grande utopia: unidade na diversidade.

Tais apontamentos nos sinalizam que os sujeitos, ao se tornarem conscientes do mundo que os cercam, se apropriarem do mundo como objeto cognoscível, não necessariamente já manifestam em si a conscientização. Isso porque a conscientização implica em um passo para além da apreensão da realidade, mas a sua leitura de maneira crítica, que reverbera no fato de os sujeitos assumirem uma posição epistemológica. Conforme nos mostra Freire (1980, p. 26), “a conscientização não pode existir fora da ‘práxis’, ou melhor,

sem o ato ação-reflexão. Essa unidade dialética constitui, de maneira permanente, o modo de ser ou de transformar o mundo que caracteriza os homens”.

Para melhor entendermos os elementos da conscientização, recorremos a Freitas (2017, p. 88) que nos diz que “é através da conscientização que os sujeitos assumem seu compromisso histórico no processo de fazer e refazer o mundo, dentro de possibilidades concretas, fazendo e refazendo-se a si mesmos”. Esse processo dialético de rompimento com uma visão ingênua da realidade e a apropriação consciente de uma leitura crítica de seu lugar no mundo, remetem diretamente a um processo também de subversão e rompimento com um lugar de subalternidade ocupado pelos(as) oprimidos(as), lugar no qual estariam desprovidos(as) de sua humanidade, uma vez que essa é roubada pela opressão.

Todavia, como nos alerta Freire (2011, p. 41), “a desumanização, mesmo que um fato concreto na história, não é, porém, destino dado, mas resultado de uma ordem injusta que gera a violência dos opressores e esta, o ser menos”. Esses sujeitos, por suas ações/reflexões, passam a obrigarem a elite vê-los. O invisível torna-se visível pela radicalidade de sua existência como protagonistas sociais, passa a exigir o que lhe é de direito, manifesta insatisfação com o que está estabelecido.

No bojo desse complexo debate sobre conscientização/humanização, trazemos as questões relacionadas à importância do ato de ler, tão fortemente abordadas por Freire (2011b) em suas obras. Sabemos que a leitura de mundo antecede a leitura da palavra, que os sujeitos experienciam, vivem, trazem consigo conhecimentos da realidade. Todavia, é vital reforçarmos o direito desses mesmos sujeitos à educação, à formação. Porém, a leitura como decodificação mecânica de códigos escritos muito pouco, ou quase nada, ajuda no processo de intervenção e mudanças sociais.

Nesse sentido, para além da técnica de decodificar o código escrito, estamos falando de entender o texto, mas também o contexto que o cerca. Freire (2011b, p. 26) nos aponta que “a memorização mecânica da descrição do objeto não se constitui em conhecimento do objeto. Por isso é que a leitura de um texto tomado como pura descrição de um objeto é feita no sentido de memorizá-la, nem é real leitura, nem dela portanto resulta o conhecimento do objeto de que o texto fala”. Dito de outra forma, decorar não é se apropriar do conhecimento.

Imbricadas no processo de conscientização/humanização, a leitura da palavra e a leitura do mundo remetem ao rompimento de um papel coadjuvante destinado ao educando(a), passando esse a ser sujeito de seu processo educativo. Isso não implica na abstenção do educador em intervir nesse processo. Implica em pensar o fazer educativo a partir da diretividade do ato educativo e das ações educativas como sendo complementares.

Educadores(as) e educandos(as) se educam entre si. Ao educador(a) cabe assumir a ingenuidade dos educandos, com vistas a superá-la. O que demanda também humildade para assumirmos também seu potencial criativo e sua criticidade (FREIRE, 2011b). O sujeito da práxis, que reflete ininterruptamente sobre si e sobre os outros, consciente de seu lugar social, mobilizado em atuar no mundo e na relação com outros sujeitos, necessariamente demanda a faculdade de ler e se responsabilizar pelo que lê em relação à sociedade, como texto e contexto, pois dessa forma dá-se sentido à existência e às lutas.

### **Sobre utopia, inédito viável e os sonhos possíveis**

Não é concebível a educação freireana, construtora de consciência e humanidade, descolada de sua dimensão de intervenção social, seu caráter de intervenção no mundo. Nesse processo, de práxis, de ação e, reflexão e ação, os conceitos de utopia, inédito viável e sonhos possíveis ganham maior importância, pois servem de fator mobilizador, de catalisador de forças, de mobilização. Trata-se de lidar com o porvir, o que ainda não é, mas que pode vir a ser. Há, nesse sentido, uma dimensão do que ainda não é se, mas que pode se tornar possível.

Iniciamos nossa discussão pelo conceito de utopia. A partir da consulta ao Dicionário Oxford de Filosofia (BLACKBURN, 1997, p. 397), o verbete Utopia começa dizendo que a utopia é um lugar que não existe. Posteriormente, diz que o termo provém da obra de Thomas More, de nome *Utopia*, e versa sobre comunidades e modos de vida ideais. Já em consulta ao verbete sobre utopia escrito por Nita Freire, esposa de Paulo Freire, no Dicionário Paulo Freire (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2017a), vemos apontamentos que destoam do que, comumente, vincula a utopia ao não realizável. Segundo Nita Freire (2017b), ao contrário do apontamento do dicionário filosófico, tal termo, na teoria freireana, serve como fortalecimento da práxis transformadora.

Um caminho possível é o de relacionar a utopia à esperança, o que não está de todo equivocado em nosso entender. Todavia, se nos prendermos simplesmente às idealizações do que é utópico, nos afastamos da dimensão dialética, espinha dorsal da teoria freireana. A utopia não é impossibilidade e nem devaneio, mas sim necessidade humana existencial, não havendo espaço para acomodação. Estamos falando de uma esperança que se opõe à inércia contemplativa e que se materializa em forma de ação. Não uma ação mecanicista, mas reflexiva, portanto práxis. Obviamente, estamos tratando de uma esperança em algo ainda não materializado, mas que não por isso deixa de ser factível. Ou seja, não é uma esperança do

esperar, mas do esperar, não se trata de aguardar a concretização de um desejo e sim se imbuir de energia para que tal disposição se torne mola propulsora.

Em diálogo com a obra *O princípio da Esperança*, do filósofo Ernst Bloch, Nita Freire (2017b) nos diz da utopia como noção de esperança crítica, havendo uma distinção entre a utopia concreta e a utopia abstrata. Destaque é dado à força da imaginação social e sua capacidade de construção de uma consciência antecipada, vinculada à força ativa dos sonhos. Nesse sentido, a autora reforça a concretude da utopia nas obras de Freire. Em seu livro *Conscientização: teoria e prática da libertação*, Freire (1980, p. 27), nos diz que “o utópico não é o irrealizável, a utopia não é o idealismo, é a dialetização dos atos de denunciar e anunciar, o ato de denunciar a estrutura desumanizante e anunciar a estrutura humanizante. Por essa razão a utopia é também um compromisso histórico”.

A dimensão dialética apontada por Freire em relação à utopia faz com que o significado freireano se afaste diametralmente do irrealizável, do inexistente. Nita Freire (2017b) nos diz que, na obra freireana, utopia é sinônimo de esperança, uma esperança crítica que não se resume à pura espera.

Caminhando nessa seara da potência dos conceitos freireanos, trazemos à baila o conceito de Inédito Viável. Segundo Nita Freire (2017), ele esse foi usado pela primeira vez em *Pedagogia do Oprimido* e não se trata de uma simples junção de letras para formar uma expressão. O conceito de Inédito Viável se apresenta como amálgama de palavra/ação, de práxis enquanto busca de transformação do mundo, traz consigo a utopia do inédito, na mesma medida em que representa a materialização do desejado, por isso contém em si a complexidade do tornar possível. Nele estão contidos o porvir e a materialização. O inédito viável está embebido na materialização de ações, de atos-limite, que diante de situações-limite ganham ainda maior significado, pois manifestam a capacidade ontológica do ser humano em ser mais, em vínculo direto com a incompletude, o que coloca por terra tudo o que nos possa parecer o pronto e acabado (FREIRE, 2017).

De acordo com Nita Freire (2017, p. 224), inédito viável é:

Uma palavra epistemologicamente empregada por Freire para expressar, como enorme carga afetiva, cognitiva, política, epistemológica, ética e ontológica, os projetos e os atos das possibilidades humanas. Uma palavra que carrega no seu bojo, portanto, crenças, valores, sonhos, desejos, aspirações, medos, ansiedades, vontade e possibilidade de saber, fragilidade e grandeza humanas. Carrega inquietude sadia e boniteza arraigada na condição de ser-se homem ou mulher. Palavra na qual estão intrínsecos o dever e o gosto de mudarmos a nós mesmos dialeticamente mudando o mundo e sendo por ele mudado. Que traz na essência dela mesma o que

podemos sentir e desejar e por ela lutar e sonhar; o que pode nos incomodar, inconformar e nos entristecer nas fraquezas dos seres humanos levados pela ingenuidade verdadeira ou pela deformação antiética. Palavra que nos traz, sobretudo a esperança e o germe das transformações necessárias voltadas para um futuro mais humano e ético, para alcançarmos o destino da existência humana.

Inédito viável é, portanto, uma palavra que carrega grávida de várias outras, implica afeto, conhecimento, ética, sonho, valores, desejos, medos. Todas estão diretamente relacionadas com a ação de mudar o mundo e torná-lo mais viável para a existência humana dos sujeitos. A novidade do que é inédito, portanto, ainda não existente, juntamente à sua dimensão da viabilidade, portanto realizável, congrega a potência de nos mobilizar a partir do entendimento de que é possível. Nesse sentido, podemos dizer da materialização de processo dialético de tomada de consciência de si e do mundo, alicerçado na realidade e fomentador de mudanças, que por isso é sonho, mas é também processo de busca pela realização desse mesmo sonho.

A transformação do mundo necessita tanto do sonho quanto a indispensável autenticidade deste depende da lealdade de quem sonha às condições históricas, materiais, aos níveis de escolher, de decidir, de projetar, de sonhar. Reduzida à ação de viabilizar o já determinado a política perde o sentido da luta pela concretização de sonhos diferentes (FREIRE, 2014, p. 61).

Assim como Freire, parece-nos impossível a existência sem a possibilidade de sonhar, mas não o sonho fora da realidade, fora do mundo e sim o sonho do querer e se mobilizar por outra existência possível. Outra sociedade. Uma organização social que caiba a todos(as) em suas singularidades e especificidades. Nesse cenário, a educação cumpre com um papel vital de formação dos sujeitos para além da reprodução de um *status quo* burguês e segregador. Nesse sentido “se a realidade objetiva impede ao homem humanizar-se, então ele deve mudar esta realidade” (FREIRE, 1976, p. 18). Lembremos, mais uma vez, que Paulo Freire entende a humanização de qualquer pessoa como “vocação ontológica” que “vem se construindo na história” (FREIRE, 1999, p. 137). E é no contexto dessa “vocação para a humanização” que se encontra o “gosto pela liberdade” e pela “esperança” de homens e mulheres. Na perspectiva freireana, sem esperança homens e mulheres deixam de existir, pois sem a esperança “não lutamos” (FREIRE, 1999, p. 137).



É na esperança que os sonhos humanos ganham dinamicidade e o existir humano não é possível “sem esperança e sem sonho” (FREIRE, 1999, p. 14). O que sustenta a existência humana é sua vocação para o ser mais e ele não se realiza sem sonhos possíveis. E ser mais também demanda uma educação conscientizadora que “afirme a dignidade das pessoas, que ajude a discernir entre verdades e mentiras, que prova o educando como sujeitos da história (FREIRE, 1976 *apud* MAÇANEIRO; SOUSA, 2021, p. 79). Destarte “urge uma educação que sustente a denúncia das estruturas desumanizantes, e o anúncio – que não pode realizar-se fora do compromisso – das estruturas nas quais os homens possam ser mais: possam amar, sorrir, cantar, criar, recriar” (FREIRE, 1976 *apud* MAÇANEIRO & SOUSA, 2021, p. 79). Por fim, não se trata de sonhar apenas, mas de gerar outros sonhos em outros vários sujeitos até que sonhar seja a regra e não a exceção. Conforme nos diz Freitas (2017), os sonhos possíveis estão alicerçados na dimensão da possibilidade de mudança e não se trata de um sonhar individual, só, mas um sonhar coletivo, com o outro, ao seu lado, ambicionando transformar uma realidade brutal e violenta antes denunciada.

Destacam Maçaneiro e Sousa (2021) que o vínculo antropológico encontrado nas obras de Paulo Freire considera que “esperança e educação tocam não os saberes e as escolas, mas as consciências: ‘Inacabado e consciente do inacabamento’ o ser humano põe-se a trilhar um ‘processo de esperançosa busca’” (FREIRE, 2016, p. 132 *apud* MAÇANEIRO; SOUSA, 2021, p. 81). Não podemos nos esquecer de um grande ensinamento de Paulo Freire, a saber: “a matriz da esperança é a mesma da educabilidade do ser humano, o inacabamento do seu ser de que se tornou consciente” (FREIRE, 2016, p. 132).

### **Pequenas reflexões**

Ao findar deste breve trabalho, mais inquietações nos afligem que certezas. No entanto, alguns apontamentos podem ser feitos. Em relação às teorias e às obras de Paulo Freire, há a necessidade de recorrentemente retornarmos a elas, relê-las, refletir sobre as questões que estão postas. Assim como a releitura, faz-se necessário dialogarmos diuturnamente com nosso fazer educativo, colocar-nos em posição de questionamento sobre o que está aparentemente estabelecido, pois as possibilidades emergem dessas reflexões sobre nós mesmos(as).

Longe de ter a pretensão de uma discussão vinculada unicamente ao arcabouço teórico de Freire, nossa pretensão foi de materializar, em forma de texto, algumas reflexões que trazemos conosco em nossa realidade. Nesse sentido, não tem caráter prescritivo e sim

dialógico, de troca, de poder socializar com as pessoas que têm lido as crises existenciais que nos afligem cotidianamente. Principalmente, os(as) educadores(as) progressistas que se implicam politicamente no processo educativo, no processo de esperar que uma educação biófila é possível.

A realidade áspera que vivemos na atualidade nos cobra que possamos externar nossas inquietudes, nossos conflitos e, nossas disputas para praticarmos uma educação pública, popular, laica, igualitária e de qualidade. Nesse contexto, a teoria freireana, quando retomada, serve de mobilização. Não podemos esquecer a essência política do ato educativo e nosso compromisso com os(s) mais pobres, os(as) oprimidos(as).

Ao final desse texto, que se materializa como uma “arma” de luta, esperamos conseguir irradiar energias para outros tantos(as) educadores(as), pois nos cabe acreditar, sem romantizar, que outro mundo é possível! Utopia, inéditos viáveis e sonhos possíveis são força potente de conscientização de humanização do(a) outro(a) e de nós mesmos. Por meio desses, podemos afirmar que, diante de um contexto tão difícil de crise alimentar, sanitária, ambiental e, moral, não vamos desistir. Diante de um governo necrófilo, que tem amor às coisas mortas, vamos gritar nosso amor às coisas vivas. Vamos nos encorajar, sonhar que o bem comum é possível e gritar que os quase 700 mil mortos pela Covid-19 e os mais de 33 milhões de brasileiras(os) vivendo o risco alimentar são uma desumanidade. Como educadores(as), não vamos nos calar.

## Referências

ARROYO, M. **Ofício de mestre**. Petrópolis: Vozes, 2011.

ARROYO, M. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. Petrópolis: Vozes, 2012.

BARRETO, V. **Paulo Freire para educadores**. São Paulo: Arte e Ciência, 2004.

BLACKBURN, S. **Dicionário Oxford de Filosofia**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997.

COIMBRA, C. L. A (in)completude da práxis no pensamento freireano. *In*: PAIXÃO, A. H.; MAZZA, D.; SPIGOLON, N. I. (org.). **Centelhas de transformações**: Paulo Freire e Raymond Williams. São José do Rio Preto: HN, 2021.

FREIRE, N. Inédito viável. *In*: STREECK, D.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. (org.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017a.

FREIRE, N. Utopia. *In*: STREECK, D.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. (org.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017b.

FREIRE, P. **A educação na cidade**. São Paulo: Editora Cortez, 2001b.

- FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 2011 b.
- FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.
- FREIRE, P. Carta a um jovem teólogo. **A Serviço da Palavra**, ano I, n. 1, p. 17-22, 1976.
- FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação**. São Paulo: Moraes, 1980.
- FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2001a.
- FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- FREIRE, P. **Pedagogia do compromisso**. Indaiatuba: Villa das Letras Editora, 2008.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011a.
- FREIRE, P. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: Paz e Terra, 2014a.
- FREIRE, P. **Política e educação**. São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- FREIRE, P. **Professora sim, tia não!** São Paulo: Editora Olho D'água, 1976, p. 17-22.
- FREIRE, P.; FAUNDEZ, A. **Por uma pedagogia da pergunta**. São Paulo: Paz e Terra, 1985.
- FREIRE, P.; FREIRE, N.; OLIVEIRA, W. F. de. **Pedagogia da solidariedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2014b.
- FREIRE, P.; GADOTTI, M.; GUIMARÃES, S. **Pedagogia: diálogo e conflito**. São Paulo: Cortez, 2001.
- FREIRE, P.; SHOR, I. **Medo e ousadia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- FREITAS, A. L. S. de. Conscientização. *In*: STREECK, D.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. (org.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- FREITAS, A. L. S. de. Sonhos possíveis. *In*: STREECK, D.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. (org.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- MAÇANEIRO, M.; SOUSA, C. Esperança, humanização e futuro em Paulo Freire: uma aproximação a Jürgen Moltmann. **Caminhos**, Goiânia, v. 19, p. 71-87, 2021. Doi: 10.18224/cam.v19i4.9151. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/9151>. Acesso em: 16 nov. 2022.
- PALUDO, C. Educação popular. *In*: STREECK, D.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. (org.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

STREECK, D.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. (org.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

VÁZQUEZ, A. **Filosofia da práxis**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

Submetido em 31 de agosto de 2022.

Aprovado em 17 de outubro de 2022.